



A violência da perfeição nas mídias digitais: uma aula inaugural

The violence of perfection in digital media

La violencia de la perfección en los medios digitales

Luis Mauro Sá Martino - Faculdade Cásper Libero | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: ImSAMARTINO@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>

Resumo: As palavras “violência” e “perfeição” parecem remeter a domínios opostos da experiência humana: enquanto uma sugere o negativo, a outra está ligada ao que há de melhor. No entanto, sua conjugação parece vir se tornando possível no ambiente das mídias sociais. Este texto é uma aula inaugural realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba delineando alguns aspectos das micro-violências existentes no ambiente digitais, tomando como recorte a questão dos discursos em circulação sobre formas de vida apresentadas como ideais ou padrões. Discute-se a ideia de uma “violência da perfeição” quando essas representações são transformadas em elementos de comparação com a realidade das existências individuais e coletivas. São destacados três pontos principais: (1) a noção de violência em interrupção um modo outro de ser, (2) a ideia de perfeição como algo oposto à excelência possível e (3) a disseminação de discursos desse tipo nas mídias sociais.

Palavras-chave: redes sociais; violência; perfeição; formas de vida; comunicação.

Abstract: The words “violence” and “perfection” seem to refer to opposite domains of human experience: while one suggests the negative, the other is linked to the best. However, their conjugation seems to become possible in the social media environment. This text is an inaugural class held at the Postgraduate Program in Communication and Culture at the University of Sorocaba, outlining some aspects of micro-violence existing in the digital environment, taking as a cut the issue of the discourses in circulation about ways of life presented as ideals or standards. The idea of a “violence of perfection” is discussed when these representations are transformed into elements of comparison with the reality of individual and collective existences. Three main points are highlighted: (1) the notion of violence in interruption of another way of being, (2) the idea of perfection as opposed to possible excellence and (3) the dissemination of discourses of this type on social media.

Keywords: social media; violence; perfection; life-forms; communication.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2022v10id5067>





Resumen: Las palabras “violencia” y “perfección” parecen referirse a dominios opuestos de la experiencia humana: mientras uno sugiere lo negativo, el otro está vinculado a lo mejor. Sin embargo, su conjugación parece ser posible en el entorno de las redes sociales. Este texto es una clase inaugural realizada en el Programa de Posgrado en Comunicación y Cultura de la Universidad de Sorocaba, esbozando algunos aspectos de la microviolencia existente en el entorno digital, tomando como corte la cuestión de los discursos en circulación sobre modos de vida presentados. como ideales o normas. Se discute la idea de una “violencia de la perfección” cuando estas representaciones se transforman en elementos de comparación con la realidad de las existencias individuales y colectivas. Se destacan tres puntos principales: (1) la noción de violencia en interrupción de otra forma de ser, (2) la idea de perfección frente a la excelencia posible y (3) la difusión de discursos de este tipo en las redes sociales.

Palabras clave: media sociales; violência; perfección; modos de vida; comunicación.

Recebido em: 05/09/2022

Aprovado em: 21/09/2022



1 Introdução

Gostaria de começar com um agradecimento que está longe de ser protocolar, mas nasce da alegria de compartilhar um espaço com amigas e amigos próximos, de muitos anos, pelos quais tenho um amplo respeito intelectual. E pela oportunidade de dialogar com todas e todos vocês da Universidade de Sorocaba, uma alegria que só não é maior porque não estamos no presencial, com a oportunidade de tomar um café antes ou depois deste momento.

O tema proposto é “Mídia e Violência”, e, hoje, gostaria de trabalhar com uma dimensão da violência que talvez não seja a mais evidente. Nós estamos no meio de uma guerra? Estamos, mas eu gostaria de problematizar: quando que não estivemos? A guerra da Síria já tem oito anos. Fora conflitos que não ganham o nome de guerra e que nós, da mídia, damos outros nomes: “conflito”, “insurreição”, “grupo de rebeldes”, “grupo de separatistas”. Nós temos muitas palavras para nomear o ato de um ser humano disparar uma arma contra outro ser humano. Pode ser por conta de uma ideologia política, de uma religião, de um grupo, de um time de futebol, mas todas elas se referem a esse momento em que nós voltamos para a barbárie. O ato da agressão ao outro nos lembra o quanto ainda há de barbárie dentro de cada uma e cada um de nós. E não estou falando do alto, estou nessa também, como todas e todos nós.

Não é coincidência que Freud (2012), em “Totem e Tabu”, escrito 1912-1913, coloca a violência como um ato de fundação da sociedade. Em sua elaboração, ele propõe a ideia de que, em uma era mitológica, a sociedade era comandada por um pai tirânico que se aproveitava de seus filhos e filhas. Um dia, os filhos se revoltam e matam esse pai simbólico. No entanto, imediatamente, eles se dão conta de vários problemas. Em primeiro lugar, o ato funda uma outra ordem entre eles, não mais organizada pelo medo do pai mitológico, mas pelo medo uns dos outros. Para que nenhum deles assuma o lugar do pai, todos passam a se vigiar mutuamente, de forma a garantir que a violência desencadeada pelo assassinato mítico do pai não se torne a “batalha de todos contra todos”, aquilo que Hobbes, alguns anos séculos antes, já nomeou como “estado de natureza”. Essa violência fundadora é interiorizada: não vai mais se direcionar ao assassinato do pai, mas irá se vincular à vigilância de todos.



Além disso, consumidos pela culpa, esses filhos instauram a lembrança da morte para que, ao se lembrarem desse acontecimento em sacrifício ritual, nunca voltar a cometer aquele crime. Isso funda a sociedade: Freud (2012) tem uma frase que eu acho muito interessante: ele diz que, na primeira vez que um ser humano jogou uma ofensa, e não uma flecha, na direção do outro, se fundou a sociedade. Isso significa que, quando nós chegamos à violência de fato, nós estamos abrindo mão daquilo que torna possível a sociedade, a convivência entre seres humanos, e retornamos àquele estado de barbárie.

No entanto, essa barbárie macro, da guerra ou da violência, é apenas uma das que todas e todos nós enfrentamos. Essa parte explícita é visível e pode ser problematizada, como deve ser feito, em todos os momentos. Mas gostaria, hoje, de destacar uma outra violência, um outro tipo de violência, a meu ver tão cruel quanto, mas muito menos visível.

Sem ser um especialista em estudos da violência, no sentido que temos núcleos de estudos de violência, fiquei muito contente com o convite, porque me permitiu visitar algo que me é muito caro: desde criança, para o bem ou para o mal, tenho uma sensibilidade imensa para as micro-violências do cotidiano. Quando era pequeno e estava na escola, me chamava muito a atenção essas pequenas violências do cotidiano e como elas se desencadeiam. Pequenos rituais de humilhação, pequenos rituais de destituição da dignidade dos outros, situações que ocorrem em qualquer lugar e, por isso mesmo, nem sempre é entendida como tal. No ônibus, na padaria, no transporte público, nós encontramos situações de violência que tornam esse cotidiano muito mais violento do que parece.

O desenvolvimento das mídias digitais, nos últimos vinte anos, trouxe à tona uma quantidade muito grande de violência, em novas modalidades. Quando falamos de violência, é claro que nós lembramos de guerra, seria impossível não falar de guerra na Ucrânia. No entanto, antes dessa guerra e após essa guerra, há outros tipos de violência que, por estarem mais escondidos, tendem a se perpetuar e se reproduzir com muita força. É esse tipo de violência que gostaria de endereçar, uma violência que me perturba desde criança.

Dou um exemplo que aconteceu ontem, em uma situação trivial. Por que no trivial? Porque é no trivial, na maioria das vezes, que os principais processos de



violência simbólica se manifestam, no qual ninguém presta atenção. Estava no supermercado, na fila de frios, e vejo um senhor, que estava na minha frente para ser atendido. A funcionária do supermercado diz “bom dia” e a resposta dele foi direta: “trezentas de presunto, duzentas de salame”.

Por que se diria que isso é um ato violento? Porque faltou “bom dia”, faltou “oi”. No momento em que ele fala em tom imperativo, ignorando toda e qualquer cortesia, ele desumaniza o outro. Ele poderia falar dessa forma com uma máquina, talvez com um aplicativo. Naquele momento, ao falar dessa maneira com outro ser humano, ele retira um pedaço da dignidade do outro – você reduz uma pessoa a condição de coisa quando não considera ela digna de um “bom dia”.

A questão é que, no momento em que você desumaniza o outro, você também se desumaniza um pouco. A violência nunca deixa de desumanizar o próprio violento. O humano se forma na relação. No momento em que desumanizo o outro, também abro mão de parte da minha vivência. Certamente alguém poderia argumentar que eu estou fazendo analisando demais, problematizando além da conta ou simplesmente tempestade em copo d’água. Talvez, mas é nas pequenas coisas que nós conseguimos ver alguns dos maiores índices de violência simbólica.

Podemos nos perguntar, por exemplo, se aquele mesmo senhor, quando chega no local de trabalho dele e encontra os seus superiores, se ele também falaria do mesmo modo: “Relatório agora. Trezentas páginas”. Certamente não, porque ele sabe as consequências e, portanto, sabe muito bem gerenciar sua polidez. Imagino que, ao entrar no seu local de trabalho, ele falou “bom dia”, talvez até tenha sorrido, mesmo sem vontade. O que, para além de cargo, prestígio, dinheiro e poder, o superior dele tem que aquela moça não tinha? O que, em termos de humanidade, separaria os dois?

Essas pequenas violências dizem muito sobre o estilo de sociedade em que nós estamos. Outro dia, andando de metrô em São Paulo, vi mais uma cena que ilustra isso. Um jovem entrou com a máscara no queixo e uma senhora, bem mais idosa, faz o sinal pedindo para ele pôr a máscara. O jovem simplesmente olhou pra ela, riu e continuou sem mudar nada. Ele teria esse riso sardônico com um homem falando pra ele pôr a máscara? Ou alguém de sua idade?



É nesse sentido que gostaria de trabalhar alguns aspectos dessas microviolências do cotidiano, tão simbólica e representativa nas mídias, com certo enfoque no digital, que tem uma atuação absolutamente decisiva no sentido de definir aspectos centrais de nossas interações. As mídias digitais nos colocaram diante de nós pela primeira vez com uma potência que jamais imaginamos, nunca estivemos tão diante de nós mesmos. As chamadas mídias sociais colocaram a humanidade diante de si mesma, e o retrato que estamos vendo de nós é extremamente fiel em termos de mostrar todas as nossas potencialidades, do nosso poder de agência que nasce nessas mídias digitais ou que é reforçado por elas, mas também todas as sombras. Por que focalizar nessas mídias digitais? Porque elas são a principal fonte de informação de quase todas e todos nós e, talvez, a maior fonte de interação.

Gostaria de trabalhar aqui, em outras palavras, a “violência da perfeição” nas mídias digitais.

2 A violência como interrupção

Violência e perfeição não são termos que costumam andar juntos. Ao contrário, nós costumamos associar a violência ao mal e a perfeição ao bem, como categorias previamente definidas. Vale lembrar, no entanto, que nessas duas palavras, etimologicamente, associações de caráter moral não são tão explícitas ou marcantes.

A palavra violência vem do latim, violare, e tem um sentido de “atravessar” ou “colocar no sentido contrário”. Seu sentido original é “movimento contra alguma coisa”. A palavra violência se refere a um antinatural, aquilo que interfere no curso natural de algo por ser um movimento que atravessa, interrompe, destrói. Não é coincidência que, até hoje, nós trazemos isso na nossa percepção quando falamos que a vida de fulano “foi interrompida” por um ato de violência. O curso esperado da história da vida da pessoa é abruptamente cortado, ou atravessado, por uma ação que vai romper o cotidiano e vai interromper esse fluxo.

Por isso mesmo, desde Roma, a violência é entendida como interrupção, a transformação do natural. Vale lembrar que isso não era necessariamente visto como algo ruim, “do mal”. Em seu sentido clássico, a violência tem esse caráter de irrupção, e não trabalha com consequências: ela simplesmente muda a ordem das coisas, sem dizer pra onde essas coisas vão. Por isso que é super fácil a violência escalar: uma



vez que você interrompe o curso da ação pela violência, novos cursos vão aparecer. Alguns, inclusive, podem não ser necessariamente maus no sentido mais simples da palavra.

Então, como isso se relaciona com o exemplo do supermercado? Culturalmente, temos a ideia de que o encontro entre duas pessoas é precedido de uma saudação e, nessa saudação, nós reconhecemos o outro. Como nos lembra um filósofo lituano chamado Emmanuel Levinas (2010), no ato de saudar eu reconheço o outro como um ser humano igual a mim. Assim, o ato de saudar é muito mais que apenas vinculado à polidez: ele implica um reconhecimento da humanidade do outro. Prova disso é que, aqueles a quem, em um momento de violência, não reconheço a humanidade, não saúdo, não cumprimento, desvio o olhar.

Para dar um exemplo triste das grandes cidades, quando uma pessoa em situação de vulnerabilidade me interpela na rua com o seu olhar pra pedir alguma coisa, tenho que fazer um esforço para desviar daquele olhar; se olhar no olho dela, vou me lembrar da minha própria humanidade e da minha própria condição de vulnerabilidade. Por isso preciso, naquele momento, fazer um gesto duplo de violência, para me preservar no meu “mundinho feliz”. Quando desvio o meu olhar, estou desviando o olhar de mim mesmo, no sentido de que estou negando um pedaço da humanidade e negando minha própria vulnerabilidade. É nesse ponto que o ato de comunicação se interrompe. Lembra quando falei, agora a pouco, que a violência é uma interrupção?

Nós ignoramos essas presenças até mesmo nos nossos corredores universitários. Já perdi a conta de quantas vezes vi pessoas que trabalham nas universidades, em funções consideradas subalternas, serem simplesmente ignoradas. Nós desviamos, e isso é uma forma de violência cotidiana, porque interrompe aquilo que deveria ser um fluxo de comunicação. E a comunicação não implica um grande momento de conversa, mas, ao menos, o estabelecimento de uma relação mínima, que vai justamente construir uma ponte por cima da tentação da violência.

No âmbito das mídias digitais, como não temos a necessidade do “olho no olho”, podemos, com muita frequência, nos esconder atrás do algoritmo ou da plataforma. Nos sentimos à vontade para impetrar, cotidianamente, atos de violência,



atos de interrupção. Os *haters* e os discursos de ódio circulam livremente porque perdemos a ideia de que esse outro é igual a nós. Podemos nos perguntar se todos esses *haters*, que destilam discursos de ódio cotidiano nos grupos de redes sociais, conversariam “olho no olho” com a pessoa que desprezam, porque o olhar desarma.

Não é coincidência que atos de violência física, em geral perpetrados contra minorias, sejam perpetrados em grupo. Diria que isso ocorre por duas razões. Primeiro, pelo ato covarde, mas, segundo, porque, em grupo, a vergonha que o ato provoca é dividida. Nesse ponto, lembramos novamente de Freud (2012), que olha essa perspectiva na qual o indivíduo sabe exatamente porque faz algo e esse ato o envergonha tanto que talvez, sozinho, deixasse de ser capaz de olhar para si. Assim, há a necessidade do grupo para apoio, para lembrar do porquê do ato, das desculpas e justificativas que sustentam todo o ato de violência em relação a um grupo minoritário.

Quando estamos ao vivo, por vezes, temos a chance de contradizer a violência que se forma e, eventualmente, desmantelá-la antes que ela escale. No entanto, em um ambiente virtual, isso tende a se dificultar. Pela própria estrutura das plataformas, é muito mais fácil encontrar quem pensa do meu jeito do que quem pensa de outra maneira. E, no momento em que estou cercado em mim mesmo, há uma grande chance de eu entender que o meu discurso não só é aceito e correto, mas o único correto. A ausência do contraditório gera certezas, um reforço contínuo da posição, e certezas muito fortes no âmbito do convívio em uma sociedade pluralista gera o risco de deixarmos de ver o outro com o mesmo valor que nós temos.

É nesse sentido que a interrupção provocada pela violência no cotidiano das mídias digitais é tão forte. Pessoas sofrem todo tipo de agressão e nem sempre é possível identificar alguém dali, logo acabou. Aquele ataque se esvaiu porque outro veio, talvez mais grave, e chamou a nossa atenção. Porém, para aquela pessoa que foi agredida, ridicularizada, exposta, para quem a vida sofreu uma interrupção que talvez nunca poderá ser corrigida, não passa. Relatos de bullying virtual que destroem a vida da pessoa por inúmeras razões e que afetam de tal maneira a vida psíquica que, em muitos aspectos, ela não volta a ser ela mesma.

Quem nos lembra sobre esse processo no âmbito das mídias digitais é a filósofa norte-americana chamada Judith Butler, que tem uma série de livros recentes



sobre o discurso de ódio e os problemas da violência e da “não violência”. Ela nos remete a pensar essa violência, institucionalizada no cotidiano, tornada cotidiana, muitas vezes traz um componente um tanto mais cruel em medida que é menos visível. Butler nos lembra, por exemplo, que a violência da interrupção da vida, no sentido da destruição da dignidade, é absolutamente devastadora para a vida psíquica dos sujeitos.

Junto a isso, podemos analisar outro ponto dessa questão da violência, o bullying virtual, que destrói a reputação de alguém atacando pelo “negativo”. “Você é um problema”, “Você é ruim”, “Você é feia”, “Seu corpo não está no padrão certo” e assim por diante.

3 A perfeição como possibilidade

Mas me parece existir um segundo tipo de violência, mais sutil ainda por se associar à perfeição. Se nós associamos violência ao mal, nós costumamos associar perfeição ao bem. No entanto, a ideia de perfeição, na sua raiz latina, está muito mais ligada à nossa noção de plenitude. Em sua etimologia o prefixo “per” significa “na direção de algo”, “em rumo a alguma coisa”, e o “feito” vem do latim “factum”, “aquilo que existe”. Perfeição, então, é a direção daquilo que está sendo feito, em um sentido que poderíamos traduzir, aproximadamente, como “completude”, “totalidade”, “plenitude”, aquilo que está totalmente feito ou na direção de estar.

O conceito de perfeição provocou inúmeros debates na filosofia em relação ao quanto ele seria atingível, porque aquilo que é perfeito se choca diretamente com a ideia de uma natureza humana imperfeita. A ideia de perfeição, já desde a filosofia grega, mas, sobretudo na filosofia medieval, se coloca nem como um ideal, mas como algo impossível de ser atingido, de forma que o perfeito contradiria a própria essência da natureza humana. Na filosofia grega, vamos observar que os gregos não tinham uma ideia de perfeição no sentido que nós temos hoje, mas uma outra ideia próxima que era a ideia da excelência. Se você buscar na *Ética* de Aristóteles, ou mesmo em Platão, você vai encontrar a ideia de areté como algo que pode ser atingido, posto que não é perfeito, por ser a excelência.



Falando para um público basicamente composto de pós-graduandos, é ontologicamente possível, por uma questão de humanidade, você fazer uma tese, uma dissertação, excelente, mas não perfeita. Isso porque o perfeito não é uma condição atingível por seres humanos. Dentro dessa provocação etimológica, o perfectum, na totalidade de uma tese perfeita, seria a última das teses porque, depois de ser feita, seria impossível ir além. O programa de pós-graduação chegaria à conclusão que, depois dela, nunca será possível uma melhor e, assim, acaba a pós-graduação no planeta. Mas entendo se alguém estiver tentando fazer essa última tese. Nós conseguimos, no entanto, chegar perto da excelência, uma outra palavra que vem lá do latim, “excelente”, que vem de ex-coelestis, “perto do céu”.

Nós somos capazes de cultivar a excelência, mas não a perfeição. No entanto, você já notou o quanto somos cobrados por essa perfeição inatingível? Ou como aparecem, nas mídias sociais, pessoas que parecem saber viver a sua vida melhor que você em todos os aspectos? Ou como outras mostram que seu corpo está fora do padrão, independente de qual for o padrão do seu corpo? Já notou como o seu colega do outro Programa de Pós-Graduação fez uma tese melhor, leu e entendeu tudo, participou de todos os eventos e publicou quinze artigos, ainda teve tempo para casar e criar três filhos enquanto você ainda estava no primeiro semestre do mestrado? Você já notou como tem gente perfeita? Como nos lembra Fernando Pessoa: “príncipes, todos eles príncipes. Menos eu”.

Essa é uma violência extremamente sutil porque atua no positivo, não criticando, mas mostrando que você não é perfeito. Apresenta a perfeição que você não atingiu, que talvez seja impossível, e, dessa maneira, pode te inferiorizar. Essa perfeição, talvez, possa servir de estímulo, mas com o “efeito colateral” de te colocar no devido lugar. Isso não deve tirar o mérito de quem atingiu grandes conquistas, porém a questão é o quanto esse processo, ao ecoar nas mídias digitais, se apresenta como um discurso da perfeição obrigatória, que tende a inferiorizar todas e todos aqueles que não atingem essa perfeição.

Muitas vezes a gente recebe um conteúdo plenamente selecionado, plenamente editado para que não vejamos o esforço feito por alguém, que retira o caminho e apresenta apenas o resultado. Esse se configura como um regime de dupla violência pois, em um primeiro ponto, retira o caminho do esforço da pessoa e dá a



impressão que é fácil, quando raramente esse é o caso; por outro lado, cria para os outros uma sensação “por que essa pessoa conseguiu e não eu?”. O outro se torna apenas um ícone, uma imagem desprovida de toda uma história, de seu esforço, de seus conflitos e hesitações.

Podemos, assim, até questionar quais são os modelos de perfeição que temos na sociedade, uma vez que tendemos a associar a perfeição ao sucesso. Por uma série de comparações da perfeição associadas a lucro, padrão estético e modos de ser, geramos, quase imediatamente, o oposto complementar que é a estigmatização. O pensador canadense Erving Goffman (1973; 2010), que trabalha muito as micro-questões do cotidiano, nos lembra que a estigmatização é uma das formas mais perversas de violência.

Quando nós recebemos inúmeras mensagens, informações, postagens e vídeos nos dizendo como viver as nossas vidas, como estamos errados de viver a vida do nosso modo, percebemos rapidamente que essa é uma violência sistêmica do desrespeito ao modo de ser do outro. No momento em que desrespeito o modo de ser do outro, a forma de vida, e aqui voltamos a Judith Butler: quando você desrespeita, por definição a forma de vida do outro, em alguma medida, está considerando a sua forma de vida melhor.

Essas opiniões, talvez na maioria dos casos, são baseadas em um discurso totalmente leigo baseado na experiência empírica individual, o que nos leva a um problema lógico. Por que a minha vivência da realidade é melhor do que a experiência empírica do outro? Isso não tem qualquer relação com a fala do especialista, da ciência, pois essa nós buscamos, enquanto esse conhecimento violento sobre o meu modo de vida geralmente chega até mim sem ser solicitado.

Eva Illouz (2022), uma pesquisadora marroquina, acabou de lançar um livro chamado “Happycracia”, no qual ela nos fala da propagação e da força crescente do chamado “imperativo da felicidade” na vida moderna. A felicidade é equiparada à perfeição e todos que não estão vinculados a essa felicidade entram na esfera do imperfeito. Então, para ser feliz, u preciso ter um determinado tipo de corpo, que vou atingir por determinado caminho, que vai me trazer a certa perfeição e essa perfeição é a felicidade.



Enquanto isso, tudo aquilo que não está ligado à esfera da perfeição nos remeteria à esfera da infelicidade. Eva Illouz (2022) vai trabalhar nesse livro justamente a ideia de que a sociedade vem desenvolvendo um horror à infelicidade, de forma que deixamos de lado o negativo e não falamos quando ele emerge na forma da violência. Esse negativo reprimido não é tratado da maneira que deveria ser, ganhando espaço para atuar na forma de violência, intolerância em relação ao modo de vida.

E assim, quando você questiona e quebra o modo de vida do outro, destruindo a perspectiva da forma de vida, você imediatamente mexe com a condição humana desse outro.

Gostaria de ilustrar esse ponto.

Em 1931, uma jovem professora francesa chamada Simone Weil (2006, , uma das figuras intelectuais mais importantes da sua época, que tinha uma atividade docente muito forte, resolveu largar tudo em nome dos seus ideais políticos e sociais. Ela foi contratada como operária na indústria de automóveis Renault. Ela relata sua experiência em um livro chamado “Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social”, no qual demonstra que o primeiro caminho para a docilidade do humano é retirar sua capacidade de pensar sobre si.

Simone Weil conta em uma carta incluída nesse livro que, depois de uma semana trabalhando na rotina de operária, ela não estava revoltada, com raiva ou determinada a criticar o sistema: ela estava cansada, apenas cansada. Um cansaço de tal ordem que ela não conseguia pensar. Ela afirma que a docilidade se forma no momento em que você retira a dignidade da pessoa por ela não pensar em si mesma como pessoa.

Fazendo um paralelo, a experiência de opressão que se pode viver em alguns ambientes se dá no sentido de deslegitimar o modo de vida do outro, a pessoa que ele ama, o jeito que ele se veste, o jeito que ele fala e assim por diante, você tem um ciclo que se forma na eleição de algo como perfeito e na estipulação dessa perfeição como padrão. Uma perfeição, algo inatingível, deixa de ser um ideal e torna-se um problema. Vejo, muitas vezes, jovens se cobrando com vinte e poucos anos por não terem atingido patamares impossíveis de atingir. A estipulação desse impossível gera uma enorme ansiedade e, quando eles não atingem o impossível, a ansiedade se



transforma em tristeza, quando não em depressão. Você é cobrado pelo impossível e, quando o impossível se revela como impossível, você é responsabilizado por não o ter atingido.

A fala “Ah... mas outra pessoa conseguiu” é exatamente o que estou chamando de “violência da perfeição”. Uma perfeição que não é colocada como ideal de excelência a ser atingido, que nós precisamos e vamos buscar, mas como algo que rompe o fluxo da nossa vida.

Isso não é uma crítica à mídia, até porque a mídia não faz nada sem um ser de cada lado da tela. Portanto, gostaria de endereçar essas questões à postura do humano. Vale lembrar que essa mesma mídia nos dá um grande poder de agência e resistência. Quando sou colocado numa posição de vulnerabilidade e estou sozinho, me sinto péssimo; mas as redes sociais permitem que eu encontre outras pessoas vulneráveis. Essa união dos vulnerabilizados dá força, conforme eles questionam se essa situação é real ou apenas um discurso para mantê-los na sua condição.

Como diz Judith Butler, não é de uma hora pra outra que vulnerabilidade se torna força, mas, no momento que o indivíduo percebe que está sendo sistematicamente ferido (vulnerabilidade vem do latim “vulneras”, que significa ferido) ele pode fazer um gesto fundamental: dizer “Não”, “Chega”, “Agora não”. Esse indivíduo pode dizer: “Você não vai mais impor esse discurso sobre o meu corpo, porque eu acabei de falar com os meus outros amigos e nós descobrimos que o meu corpo vale tanto quanto o seu” ou “o meu jeito de namorar vale tanto quanto o seu”. É nesse sentido que a vulnerabilidade, ao reconhecer sua condição, pergunta às suas fontes a grande pergunta da origem, que pode, justamente, gerar o “Não” como primeiro grande gesto de afirmação. Não é coincidência que o primeiro gesto de definição do eu em uma criança é o negativo, o “dizer não”.

Assim, vemos que essas mesmas mídias digitais potencializam a agência de grupos humanos para mostrar que, se existe uma perfeição obrigatória, talvez existam outras perfeições, ou até excelências que podem ser tão maravilhosas quanto no entendimento da pessoa sobre si mesma.



4 Considerações finais

Finalizo com dois pontos bem rápidos.

O primeiro, me chamou muito a atenção, foi uma conversa com o meu filho Lucas, de 10 anos, outro dia. Estávamos voltando de uma livraria e ele falou bem sério: “Nossa, papai, tem uma coisa que me deixa muito bravo”. Eu perguntei o que era e ele respondeu: “É quando adultos escrevem livros sobre crianças, falando pela gente. Eles não podem falar sobre a gente, eles não são crianças. Eu não gosto de pegar livros que falam que ‘a criança faz isso’, ‘a criança quer aquilo’, ‘a criança gosta disso’. Eles não são crianças, eles não podem falar o que a gente gosta”.

Uma ótima conversa sobre quem pode falar, o que pode falar e se alguém pode falar por outro. Está aí um debate para outro momento, mas me chamou muito a atenção essa perspectiva de que, para que a elaboração de um discurso sobre determinado grupo não se torne violenta, ela não pode interromper a própria elaboração desse grupo, a própria construção simbólica da autorrepresentação. Estou usando a palavra de discurso, mas, talvez, pudéssemos trabalhar com a ideia de narrativa ou representação.

O outro, e último ponto, que me chama a atenção é essa perspectiva que implica o gesto de falar “não”, “eu não vou ser este que se propõe”, “eu vou ser aquilo que for possível”. Isso porque o perfeito não lida com o possível, mas com uma ideia de finalidade, e é nesse sentido que a finalidade implica a relação com o outro.

Uma filósofa chamada Edith Stein (2012), que, assim como Simone Weil (2006) e Emmanuel Levinas (2010), viveu na primeira metade do século XX e passou pela experiência da violência absoluta, o Nazismo – ela morreu em um campo de concentração. Curiosamente, a experiência de Stein (2012) não traz o amargor dos anos de guerra, mas a vitalidade de um pensamento na direção do outro, que nos lembra constantemente da necessidade de valorizar o outro. Ela nos lembra que valorizar o outro e encontrar o outro não é falar pelo outro, mas é falar e sentir com o outro. O antídoto da violência, a “não violência” que Butler (2021) nos lembra, está também nesse gesto que Edith Stein propõe de sentir com o outro que, para Stein, está na base do processo de comunicação, porque eu só posso falar com o outro na hora em que eu me sinto como o outro.



Nós, professoras e professores, sabemos que, se chegarmos em uma aula e falarmos para as nossas alunas e alunos como se estivéssemos falando entre professores, nós deixaríamos de sentir aquele “não saber” original, que sentimos quando estávamos na graduação. Quando nos aproximamos do conhecimento com essa primeira dúvida, nós conseguimos sentir com nossas alunas e alunos. Essa postura de sentir com, de aproximação, é uma postura de acolhimento, porque, assim como nós esperamos acolher essa dúvida, nós esperamos ser acolhidos pelas nossas alunas e alunos, no sentido de nos permitirem trilhar de novo com eles esse “não saber”.

A filósofa norte-americana Bell Hooks (2020) nos lembra que o ato de ensinar é um ato fundado no amor e na esperança. Isso soa estranho em um mundo tão cético, mas Hooks nos lembra que, justamente porque o mundo é cético, nós precisamos reencantar criticamente a educação, ou em outro exemplo a comunicação, trazendo de volta essa dimensão do encontro de uma imperfeição, que sou eu, com outra imperfeição, que é outro. Nós podemos nos lembrar mutuamente da nossa humanidade. Simone Weil (2006), em um livro chamado “Espera de Deus”, diz que a coisa mais linda que se pode dar a um ser humano é atenção, porque quando você dá atenção você permite que ele recupere sua sensação de dignidade e a sua percepção de humanidade. É por essa atenção de vocês que gostaria de agradecer esta oportunidade. Obrigado.

Referências

- BUTLER, Judith. **A força da não-violência**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GOFFMAN, Erving. **Rituais de interação**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**. São Paulo: Elefante, 2020.
- ILLOUZ, Eva. **Happycracia**. São Paulo: Ubu, 2022.
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- STEIN, Edith. **Sobre el concepto de empatia**. Madrid: Taurus, 2012.
- WEIL, Simone. **Espera de Deus**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.